

Ana Sario - A experiência da cera / José Bento Ferreira, 2010

Não deve ter havido uma primeira fotografia, isenta da visão de artista. Embora artisticamente despreziosas, as fotos que Ana Sario fez pela cidade não são aleatórias. As pinturas foram produzidas a partir de fotos. Mas cada foto já apontava para a pintura.

Essas fotos são mediações entre a visão de artista e o mundo da vida. Representam uma espécie de suspensão cética do juízo: nem a experiência direta do tipo impressionista nem a reclusão purista da pintura abstrata. Mas por que terminam descartadas pelo processo de produção das obras?

Porque a solução do impasse não poderia residir nos cliques fotográficos pura e simplesmente. As fotos ainda são de coisas. E era preciso olhar para o mundo de uma outra maneira. Mas isso pareceu impossível para Ana Sario. Pelo menos no campo da pintura, de fato se está sempre entre o retorno às coisas e a subjetividade, ou como diz Rodrigo Naves: “entre a subjetividade moderna e uma poética *cool*”.

Mas as fotos eram registros de uma experiência que ainda podia ser interrogada. Então se definiu o sentido dessas pinturas. Elas eliminam a objetividade das coisas, não para transformá-las em formas puras, mas para tematizar a pura experiência delas, ou a experiência em estado bruto. A verdadeira mediação entre a visão de artista e o mundo da vida não são as fotos, enquanto coisas, mas as fotos enquanto fatos, ou a experiência da qual elas são meras impressões.

Ana Sario compreendeu que, para interrogar o conceito de experiência por meio da pintura, seria preciso estabelecer com as coisas pintadas uma relação diferente daquela que se trava na vida comum, a relação entre sujeito e objeto. Seria preciso provar a capacidade de constituir um tipo de experiência que não se deixasse submeter às coisas nem se perdesse nas “espessas trevas” do “incomensurável espaço do supra-sensível”, nas belas palavras de Kant.

Desvendando os meandros das ruas, todas as coisas se desmantelam: não vemos a esquina, o prédio, a janela, mas arranjos de objetos. Não se trata de criar campos de cor que aludem aos lugares da cidade para apreciar a harmonia das formas. Trata-se de fazer valer nossa capacidade de assumir o controle da visão que temos da cidade, tomar as rédeas da experiência por meio da pintura.

Por isso o recurso à mistura de cera na tinta a óleo, responsável pelo aspecto maciço das pinceladas, tão intensas quanto disciplinadas. Elas comprimem os objetos no espaço plano. A partir do momento em que acreditamos reconstituí-los olhando para as telas, eles já não são coisas. O que se configura para nós são aparições das fotografias, como pentimentos. Por si só, as fotos não revelam esse espectro da experiência que são as pinturas.

A leveza e a graça da tinta a óleo, assim como a consistência artesanal da têmpera e também a desenvoltura afetada (*cool*?) da tinta acrílica seriam incompatíveis com o projeto de Ana Sario. É preciso considerar o acerto da adição de cera ao óleo não apenas como uma questão técnica, mas como um passo importante do pensamento poético com resultados evidentes para o aspecto exterior das pinturas.

A combinação de precisão e força permite que as paisagens urbanas pareçam montagens, apesar da desordem das cidades “avessas à linha reta”, como diz Sérgio Buarque de Holanda. A imponência das massas pode ser suavizada por linhas tênues, como as da fiação dos postes diante

de um paredão. Espaços vazios confundem-se com a opacidade dos prédios, ela mesma uma outra forma do vazio. Por outro lado, os ladrilhos coloridos em “Jaguaribe” preenchem o espaço, tanto quanto as construções de tamanho médio que aparecem em meio aos prédios. Onde estaria o espaço vazio, o ar entre eles?

Parece haver nas pinturas uma preferência por esse modo mais singelo de ocupação do espaço, enquanto os prédios maiores são pintados em tom de lamento. Apesar do rigor das pinceladas, quase se adivinha neles a melancolia das paredes descascadas. Em sua coloração crepuscular, porém, há uma atmosfera de fim de tarde que sugere um certo alívio, suspensão temporária das hostilidades do dia.

As cidades são o resultado dos nossos costumes e da nossa história, transformá-las é uma questão política de responsabilidade e luta. A arte pode ser um modo de representar as coisas do mundo como se elas fossem de acordo com nossa livre e espontânea vontade, o que pode ser entendido de várias maneiras, mas com certeza não significa que na realidade as coisas sejam de acordo com a nossa vontade.

José Bento Ferreira